



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após sessão plenária da Conferência dos Chefes de Estado e de Governo Ibero-Americanos

Santiago – Chile, 10 de novembro de 2007

Jornalista: Presidente, bom dia. Tudo bem?

Presidente: Qual é a angústia dos meus companheiros?

Jornalista: No encontro com o presidente Evo Morales, o que foi discutido? Alguma coisa já pensada, com gás, petróleo?

Presidente: Olhe, eu estou indo à Bolívia no dia 12 de dezembro e vou com o objetivo de firmar os acordos que precisam ser firmados com a Bolívia, porque interessa ao Brasil, como o maior país da América Latina, que a gente viva um clima de paz e harmonia com um país que tem uma extensão fronteiriça, como tem a Bolívia com o Brasil. E nós queremos ajudar a industrializar a Bolívia, nós queremos que a Petrobras volte a fazer investimentos, porque nós precisamos nos preocupar, não apenas com o gás que o Brasil precisa, mas o gás que a Bolívia precisa, o gás que a Argentina precisa, o gás que o Chile precisa. É essa a contribuição que o Brasil tem que dar.

Nós acabamos de fazer um financiamento de 35 milhões para comprar tratores para a Bolívia, eu quero ver se nós conseguimos concretizar no dia 12 de dezembro. Inclusive, nós vamos levar alguns empresários, nós temos interesse em construir, junto com a Bolívia, entre Corumbá e Porto Soares, um pólo gás-químico, e eu penso que está tudo indo muito bem.

Jornalista: Não é uma negociação de outros termos, Presidente, a partir da



descoberta do campo gigante no Brasil? Isso gerou inclusive uma brincadeira do presidente Chávez, de que o senhor virou um magnata petroleiro?

Presidente: Eu agora estou sendo chamado de “sheik do petróleo”. Eu acho que não muda a nossa política porque, o que acontece? Na medida em que a gente tiver mais gás e na medida em que a Bolívia tiver mais gás para vender, interessa ao Brasil que a matriz energética brasileira tenha muitas alternativas. Então, nós vamos trabalhar as duas coisas.

O nosso petróleo e o nosso gás só vão poder começar a produzir os efeitos que nós queremos em cinco ou seis anos. Não será na minha presidência, portanto. Nós precisamos trabalhar agora para que comece a aparecer o mais rápido possível. E nós precisamos trabalhar com muito carinho essa questão energética na América do Sul. Primeiro, porque o potencial é extraordinário, a América do Sul deve ter um potencial hidráulico de 264 mil megawatts, ou seja, é uma coisa exuberante e nós precisamos construir as parcerias e os projetos para que a gente possa atender, não apenas as necessidades do Brasil, mas as necessidades dos países que são do Mercosul e que participam da Unasul.

Jornalista: O Evo Morales, apesar de ser amigo do senhor, é meio temperamental, como já demonstrou no passado. Que garantias o senhor vai querer para que esse dinheiro retorne à Bolívia?

Presidente: Veja, primeiro nós temos que ter clareza do seguinte: quando um presidente da República conversa com um presidente da República, eles podem ser amigos, como eu sou do Evo Morales, somos dirigentes sindicais, mas a relação não é entre Evo e Lula, a relação é entre Brasil e Bolívia. Ela tem que ser definitiva, ela tem que ser duradoura, ela não pode terminar com o mandato de um presidente da República. Por isso todos nós estamos



convencidos de que os contratos têm que ser contratos de Estado para Estado e não de amigo para amigo.

Eu estou convencido também de que, como eu, todos nós aprendemos a ir melhorando as nossas relações internacionais, as nossas relações externas, e eu estou convencido de que é estrategicamente importante para o Brasil manter a melhor relação possível com a Bolívia.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Veja, eu tinha inicialmente uma viagem ao Haiti, uma viagem à República Dominicana e uma viagem a Cuba. Nós temos que firmar alguns acordos com Cuba, acordos que estão pendentes há algum tempo e que agora nós avançamos. Foi suspensa a viagem à República Dominicana por causa dos problemas que houve na República Dominicana. Talvez eu deixe para ir ao Haiti quando for à República Dominicana, numa próxima data, mas eu tenho que ir a Cuba para firmar o acordo, porque os acordos são de interesse do Brasil, do interesse de Cuba e talvez eu vá...

Jornalista: Quando o senhor vai?

Presidente: Talvez no dia 21 de dezembro, estamos para marcar a data.

Jornalista: O senhor vai (inaudível) com Fidel Castro?

Presidente: Eu não sei como estará o estado de saúde do presidente Fidel Castro, obviamente que se ele estiver bem de saúde, eu vou conversar com ele.

Jornalista: (inaudível)



Presidente: Não.

Jornalista: Presidente, sobre a CPMF, o senhor pretende conversar com a oposição? Com o presidente do PSDB, esta semana? Qual a expectativa?

Presidente: Olhe, deixa eu lhe dizer uma coisa, nós temos maioria para votar a CPMF. Quando nós nos dispusemos a conversar com a oposição, e sobretudo com o PSDB, nós demos um sinal de que achamos o PSDB um partido que pode ter uma relação diferenciada do (inaudível). Isso fica muito claro até porque tivemos uma relação histórica com o PSDB quando ninguém era PSDB, quando ninguém era PT, todo mundo era amigo. Então, nós tentamos estabelecer essa relação.

Obviamente que não é uma relação fácil, porque muitas vezes uma relação é feita pela imprensa e eu nunca acreditei, na minha vida, em qualquer acordo que você faça pela imprensa, nunca acreditei. Desde os anos de 1975, quando eu negociava como presidente do sindicato, se uma notícia saísse antes de você fazer a negociação, a negociação estaria atrapalhada. Por quê? Porque isso cria ciúmeiras internas, porque isso cria debates desnecessários.

O bom acordo é aquele que você faz em silêncio e depois você anuncia o resultado dele, da forma, eu diria, consagrada. Eu ainda acredito nas conversações com o PSDB, nós temos algum tempo ainda, de forma que eu estou tranquilo com a votação da CPMF. Estou tranquilo, até porque eu, como democrata, aprendi que a gente, quando manda uma coisa para o Congresso Nacional, a gente ganha ou a gente perde. No caso da CPMF, quem perde é o Brasil, não é o presidente Lula. Mas podem ficar certos de que nós vamos arrumar 40 milhões de algum lugar, porque nós vamos tirar de algum lugar. Agora, o que não podemos é impossibilitar o País de continuar vivendo este momento virtuoso, eu diria, um momento extraordinário na vida do Brasil.



Veja, nós estamos vivendo um momento em que eu acho que os brasileiros precisam acreditar que agora depende só de nós, não depende de mais ninguém. Não depende da política americana, não depende da política européia, depende dos brasileiros acreditarem que agora chegou a nossa vez. As coisas estão funcionando, o Brasil está andando, a indústria crescendo, a economia crescendo, o consumo crescendo, o emprego crescendo. Está tudo como nós sempre quisemos, por que atrapalhar isso agora?

Jornalista: Presidente, a gente reparou que o senhor estava meio exaltado, (inaudível) da resposta do Daniel Ortega, que provocou tanto (inaudível) na mesa?

Presidente: Não, eu aprendi a não me exaltar em reunião. Até os 40 anos eu me exaltava por qualquer coisa. Aos 62, antes de me exaltar eu penso na minha idade, penso que o coração já não tem mais 20 anos.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: É que ontem nós tivemos um momento rico na reunião. Nessa reunião que nós fazemos entre os presidentes, muitas vezes falta debate político, muitas vezes o que acontece? Nós participamos de uma reunião, cada presidente fala cinco ou 10 minutos, levantamos, vamos embora e assinamos um documento que os nossos ministros prepararam no mês anterior. Eu penso que política precisa de debate, nós precisamos tirar as divergências numa mesa de negociação, em que cada um fala a verdade. Ninguém precisa concordar com ninguém.

Ontem nós fizemos um debate rico. Ontem, cada um pôde mostrar o que está fazendo no seu país, o que está acontecendo no seu país, e eu, obviamente fui tratado com uma certa deferência porque não é sempre que o



Brasil pode ser denominado “magnata do petróleo”, “sheik do petróleo”.

Jornalista: Fez diferença chegar aqui nesta condição, depois desse anúncio?

Presidente: Não, o Chávez brincou muito comigo. Eu disse para o Chávez que antes de eu tirar um litro de petróleo ele já tinha socializado o meu petróleo com a Petrocaribe. Até que eu falei: deixa primeiro eu tirar um litro de petróleo, pelo menos.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Essa descoberta, para nós, é uma dádiva de Deus porque é o coroamento de um país que durante tanto tempo esteve a ponto de desabrochar e que, muitas vezes, murchava. Nós, agora, estamos vivendo um momento bom na economia e essa descoberta de uma reserva excepcional, de um petróleo de qualidade, e de muito gás, coloca o Brasil numa situação altamente privilegiada. Logo, logo, o Brasil vai participar da Opep. Logo, logo, o Brasil vai participar da Opep e obviamente que se o Brasil participar da Opep, nós vamos brigar um pouco para que baixem o preço do petróleo, porque é uma das contribuições que os países ricos podem dar, ricos em petróleo, podem dar aos países mais pobres.

Jornalista: A custo de reduzir a receita do Brasil?

Presidente: Não, isso não vai reduzir a receita do Brasil. Veja, nós não temos que pensar, neste mundo globalizado, apenas dentro da nossa fronteira, nós temos que pensar no mundo como um todo. Hoje a Michelle Bachelet perguntou ao Chávez, por que o Chávez não reduzia o preço do gás na Opep, e o Chávez disse que o preço do gás era por conta da guerra do Iraque.



Obviamente que quando fica tendo ameaça de guerra no Irã, quando fica tendo ameaça... obviamente que aumenta o preço do petróleo, porque são poucos os países que produzem petróleo.

O Brasil não vai diminuir em nenhum milímetro a sua política de biocombustíveis, nós queremos apresentar ao País, logo, logo, um programa definindo as áreas em que nós vamos plantar. E é importante deixar claro que nesse governo não haverá nenhuma possibilidade de alguém plantar qualquer coisa de biodiesel na Amazônia, a não ser o dendê, que é originário da própria região. Não haverá cana-de-açúcar na Amazônia, não haverá soja na Amazônia. Na Amazônia nós vamos aproveitar e preservar aquilo, e fazer com que a riqueza da biodiversidade possa contribuir para que a gente possa ganhar dinheiro às custas da preservação da Amazônia, com um modelo de desenvolvimento adequado, com um modelo de manejo da nossa floresta. Tudo isso está pensado, e eu penso que o Brasil vai continuar com a sua política de biodiesel.

Jornalista: Presidente, então o senhor está concordando, de certa maneira, com essa proposta do presidente Chávez, de reduzir o preço do petróleo, para os países mais pobres?

Presidente: Eu acho que a Opep teria que reduzir o preço do petróleo. Agora, o Brasil ainda é um país que produz apenas para o seu uso. O Brasil é auto-suficiente, mas ainda precisamos importar petróleo, exportamos petróleo pesado, compramos petróleo leve. Me parece que o petróleo que nós encontramos é um petróleo de 32 Api, é um petróleo de finíssima qualidade, que coloca o Brasil... Eu tive a oportunidade, no centro de pesquisas da Petrobrás, de pegar uma pedra do (inaudível), eu fiquei emocionado de pegar uma pedra que vem lá de 6 mil metros de profundidade. Eu tive a oportunidade de cheirar uma pedra onde o petróleo está concentrado, o cheirinho de petróleo



bom.

Jornalista: Cheirinho de dinheiro ?

Presidente: Eu acho que para quem é brasileiro, isso é motivo de orgulho, motivo de alegria. Eu acho que o Brasil precisa disso.

Jornalista: Mas o ingresso na Opep é oficial, Presidente?

Presidente: Não, o Brasil só pode entrar na Opep quando o Brasil for exportador.

Jornalista: Mas o Brasil tem intenção de fazer isso?

Presidente: Obviamente que nós temos intenção de participar de um fórum desse, em que a gente pode definir políticas para o mundo inteiro.

Jornalista: (inaudível) presidente Chávez, quando ele foi eleito, de elevar o petróleo, que na época era muito baixo...

Presidente: Eu acho que nós temos que pagar o preço justo. Obviamente que as economias ricas, pagando o preço do petróleo a uma ninharia, elas não contribuem sequer para que os países fornecedores sobrevivam dignamente. Então, é importante ter claro. Na década de 80 o Brasil encontrou uma das maiores reservas de petróleo do mundo no Iraque, na época o presidente era o Saddam Hussein. O que aconteceu? Quando nós descobrimos a maior reserva do mundo, que ainda não foi explorada, o Saddam Hussein chamou a Petrobras e falou: “olha, meus filhos, parceria é parceria, mas essa riqueza é do povo iraquiano”. E nós temos que compreender que é assim mesmo.



Agora, os países que têm petróleo precisam ser ressarcidos, com um preço justo, pelo preço do petróleo. Agora, também não podem os países que vendem petróleo achar que podem, às custas dos países pobres, sufocar suas economias. Tudo isso, nesse mundo globalizado, está em discussão. Quando nós criamos a política do biodiesel, é porque nós entendemos que o biodiesel é uma alternativa para os países da América Latina, para alguns países asiáticos e para alguns países africanos.

Neste mundo em que a China cresce da forma que está crescendo, e quer utilizar todo o minério de ferro do mundo, quer utilizar todo o petróleo do mundo, quer utilizar todas as máquinas do mundo, o que nós precisamos fazer? Nós precisamos ter clareza de que o Brasil precisa se preparar, neste mundo globalizado, para ter incidência nas decisões políticas. Estamos trabalhando para que haja um bom acordo na OMC, achamos que é possível fazer um bom acordo na OMC. O que nós queremos é que os Estados Unidos diminuam os subsídios, porque a proposta americana é uma proposta assim: eles, nos últimos dois anos subsidiaram 11 bilhões de dólares por ano e agora dizem que vão baixar, mas querem elevar de 13 bilhões a 16,5 bilhões. Então, onde é que vai baixar? Pelo que nós sabemos, 13 é mais do que 11 e 16 é mais do que 13. A União Européia, até agora, não diz quais são os números dos produtos agrícolas possíveis sensíveis.

Se não houver oportunidade para o mercado agrícola dos países pobres na Europa, não haverá justiça na economia mundial. E o Brasil quer contribuir para que haja justiça, nós estamos dispostos a fazer a parte enquanto Brasil, enquanto (inaudível) e o que nós esperamos é que os países ricos façam a sua parte.

Jornalista: Presidente, fale alguma coisa sobre aquela discussão mais acalorada de ontem. Foi a proposta do Ortega, de extinção da OEA e (inaudível) na Organização Ibero-Americana (inaudível)?



Presidente: Eu penso que não se trata de extinguir qualquer coisa, trata-se de aperfeiçoar, por isso o Brasil está propondo mudança no Conselho de Segurança da ONU. O Brasil quer que o Conselho represente a geografia política atual e não aquela da 2ª Guerra. E a OEA, se ela estiver (inaudível), ela tem que ser aprimorada. Fomos nós que criamos a OEA, nós temos representantes lá. No entanto, se não está funcionando, nós temos que mudar não só a forma de funcionar, mudar as pessoas que estão lá. Está resolvido o problema.

Boa viagem para vocês.